

A LEITURA DE LIVROS INFORMATIVOS SOBRE O CERRADO: REFLEXÕES PARA O LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS/AS

Resumo:

A formação de leitores, talvez, seja uma das problemáticas mais recorrentes nos debates dentro do universo da escola. E quando esse leitor (a) não são usuários nativos da língua majoritária do país? Assim nos deparamos com parte da questão que envolve a proposta desta pesquisa, pois estamos interessadas em refletir, dentro da perspectiva da educação bilíngue, sobre processo de construção da leitura por parte do sujeito surdo/a. Esse é um ponto que provoca inquietações por parte dos pesquisadores, professores e, claro, da própria comunidade surda. Dessa forma, a partir das contribuições teóricas e metodológicas buscaremos explorar como a leitura de livros informativos sobre o Cerrado podem contribuir para o processo de letramento do sujeito surdo/a. E compreender: O que são os livros informativos e como podem contribuir para o letramento na educação bilíngue? Acreditamos na hipótese de que a leitura de livros informativos, a partir de uma perspectiva bilíngue, pode colaborar para o processo de letramento do sujeito surdo porque considera tanto a especificidade do público-alvo (na dimensão linguístico cultural), como aponta os livros informativos (não-ficcionais) como instrumentos de acesso à informação de caráter científico.

Palavras-chave: Educação Bilíngue. Surdo/a. Livro informativo.

Introdução

Esta pesquisa, “A leitura de livros informativos sobre o cerrado: reflexões para o letramento na educação bilíngue de surdos/a”, encontrou sua motivação a partir de nossas percepções em sala de aula sobre as dificuldades de aprendizagem de alunas surdas e alunos surdos. Tal dificuldade se mostra bastante marcada em momentos de leitura e escrita de textos em língua portuguesa. É recorrente o surgimento de uma escrita com problemas de coerência e coesão textual, além de dada limitação em relação ao processo de interpretação de textos em língua portuguesa.

Em suma, ao longo do curso de Pedagogia Bilíngue, e ao conhecer a historiografia do povo surdo/a, as autoras: estudante e professoras do curso puderam perceber a marginalização no tocante à educação para esses sujeitos, gerando sentimentos de impotência, revolta, indagações, angústia, mas também de busca por respostas e soluções que contribuíssem para formação não apenas no âmbito escolar, mas também social e cultural desses indivíduos.

Desta maneira, é importante entendermos que além de conhecer diferentes abordagens para o ensino de surdos/as, o modelo em que esta investigação acadêmica está delimitada em sintonia com bilinguismo para surdos, pois em virtude de arcabouço teórico

encontrado e das diversas leituras, por essa também ser a modalidade de educação recentemente incluída, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), pela lei 14.191/21, a qual a considera como uma modalidade de ensino que tem característica de qualidade para melhor atender os alunos/as surdos/as em sua ampla diversidade.

Para isso, a pesquisa investigou como a leitura de livros informativos podem constituir caminhos para o letramento do sujeito surdo/a na educação bilíngue? Soares (2020, p.33) diz que “o texto é o eixo principal para letramento [...] letrar desenvolvendo habilidades de leitura, interpretação e produção de texto”. Diante dessa afirmativa, entende-se que a leitura é uma prática socialmente compartilhada e que avança para além da decifração de um código.

Os livros não-ficcionais de divulgação científica podem contribuir na formação de crianças surdas leitoras e, conseqüentemente, as crianças passariam a ter uma relação de interesse pela língua portuguesa, uma vez que esta seria pensada de forma contextualizada a partir de uma temática importante para a nossa comunidade, na região Centro-Oeste.

Para que os surdos/as tenham essa acessibilidade linguística, o processo de leitura não pode pautar-se apenas em conhecer as letras, ou seja, codificar e decodificar palavras isoladas. É necessário que os surdos/as tenham propriedade em realizar leituras e saibam compreender e interpretar diferentes textos, e mais, fazer o uso do letramento na vida social.

Organização do olhar: concepções e aspectos metodológicos

Sujeito, leitura e letramento

Para o sujeito surdo/a o ato de realizar uma leitura em língua portuguesa pode tratar-se de um processo complexo, pois tal ação envolve a relação entre duas línguas diferentes, sobretudo em modalidades diferentes, uma oral auditiva referente às pessoas ouvintes e a outra visual-gestual alusiva às pessoas surdas. Por esse motivo, o/a surdo/a busca estratégias como, por exemplo, realizar a leitura correlacionando as palavras ao sinal simultaneamente. Contudo, esse meio não garante que o sujeito apreenda o texto de forma contextualizada, ou seja, não garante, necessariamente, o acesso à parte culturalmente partilhada pelos grupos ouvintes.

O letramento é um caminho que possibilita aos sujeitos acessar o que está para além

desses códigos do sistema de escrita, pois como afirma Fernandes (2008, p.14) “o letramento é deste modo um processo, em que se compreende como melhor meio para que alunos/as surdos/as se apropriem do português como segunda língua de modo significativo, através de práticas de leitura e escrita sendo acessadas visualmente”.

Fernandes (2008) ainda diz que a prática do letramento confirma que para ensinar o português como L2 (segunda língua) é necessário traçar um caminho metodológico norteador, em que seu foco principal seja aumentar a experiência bilíngue para surdos/as.

Diante dessa discussão, a maior barreira para essas e esses sujeitos está na língua majoritária do país, ou seja, a língua portuguesa oral. Por isso, é importante que durante o processo de aprendizagem de alunos/as surdos/as sejam considerados fatores sociais e culturais. Como Lacerda e Lodi (2014, p.145) nos afirmam “[...] a língua, por ser carregada de ideologia, é o veículo de transmissão cultural, para a estrutura e experiência do pensamento e saber social.” Em outras palavras, língua não tem a ver somente com um código.

As/os surdos/as, ao iniciarem a trajetória em instituições formais de ensino, estão majoritariamente inseridos em um espaço denominado pela cultura ouvintista. Assim, esses sujeitos enfrentam vários desafios pelas dificuldades em inserir-se no universo linguístico que não conseguem acessar ou não acessam com a qualidade necessária. Com isso, as e os alunos/as surdos/as, são estigmatizados como sujeitos alienados, incapazes de construir conhecimento. Entretanto, a educação bilíngue de surdos/as configura-se como uma potente arma, capaz de desconstruir e minimizar estereótipos de natureza social, cultural e escolar que são prejudiciais aos surdos/as. Outra relevância da proposta bilíngue para surdos é a experiência da língua de sinais como principal via de comunicação e instrução.

Como afirma Botelho (2015, p. 105), "Muitas vezes é constatada a precariedade do resultado, por não serem os surdos/as falantes da língua que circula na sala de aula". Como agravantes dessas realidades, a autora afirma que para muitos surdos falta o domínio de palavras e expressões simples da língua escrita, inviabilizando a construção textual em que expresse sentido (BOTELHO, 2015).

Dada a especificidade, as estratégias adotadas por alunos/as surdos/as em relação à língua escrita, no momento da leitura é comum a atribuição de sinais a cada palavra apresentada no texto. Posto isso, percebe-se que para esses sujeitos a compreensão do texto está relacionada ao domínio das palavras, porém é fulcral compreender que lê é diferente de

decodificar, como está assegurado nas palavras de Botelho (2015, p.62), "Todavia, um montante lexical disponível não resolve os problemas de interpretação e produção textual, pois mesmo quando conhecem as palavras, não sabem considerar o contexto".

A escola reproduz esse mesmo comportamento, não oferecendo um ensino por meio da sua língua natural, tornando o processo do letramento um objetivo quase inalcançável para esses sujeitos. Para Botelho (2015), o ingresso dos/das surdos/as no sistema regular de ensino tem como foco promover a interação com os ouvintes, porém tampouco considera a importância da construção do letramento. Como mesmo afirma Soares (2002, p. 37)

Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural - não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura - sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente.

Em outras palavras, o uso do letramento está para além da mera decodificação das palavras. Note que esse processo na educação de surdos/as possui um problema agravante, pois para alcançar a leitura e escrita é preciso à aquisição de uma língua, portanto a língua de sinais.

Então, devemos dizer que este trabalho tentou construir um olhar específico acerca da concretização da proposta de pesquisa, pois entendemos que a linguagem é constitutiva do sujeito e que "o sujeito pratica a língua para interpretar e para significar" (COSTA, 2010, p. 15). Esse sujeito ocupa diferentes posições históricas, ou seja, não existe simplesmente "aquele indivíduo", o/a surdo/a em essência, mas práticas e modos de existência que colaboraram para a construção de formas diferentes de ser surdo /a¹ ao longo dos tempos. É justamente por tais caminhos que configuramos nosso olhar analítico, fazendo cruzar as perspectivas discursivas e os estudos culturais.

1. Cruzando caminhos: livros informativos sobre o Cerrado e prática de leitura

1.1 O Cerrado: um bioma brasileiro²

¹ A inclusão das mulheres na linguagem é uma necessidade de toda educação comprometida com as diversas desigualdades presentes em nossa cultura, assim o presente texto terá o masculino e o feminino, como linguagem inclusiva (ex: ora aluna, ora aluno, ora surda, ora surdo) como defende a professora pesquisadora de gênero e sexualidade na educação Jimena Furlani (2011).

² Como o objetivo do nosso trabalho não é de caráter biológico ou geográfico, mas de prática contextualizada de leitura e escrita no processo de ensino, alertamos que a temática do Cerrado

Conforme temos dito, o trabalho com o texto deve seguir uma orientação que veja o objeto de leitura como algo contextualizado, que está inserido em um contexto histórico e que ajuda a dar materialidade a pensamentos e práticas ideológicas sociais.

Da mesma forma, não é possível ignorar a presença da relação entre o leitor e o texto. Em nosso caso, sobretudo, o sujeito surdo. Assim, o Bioma Cerrado surge como uma forma contextualizada para as reflexões desses sujeitos a respeito do ambiente em que estão inseridos, os desdobramentos sócio ambientais em relação à conservação do bioma.

Do ponto de vista histórico, o Cerrado brasileiro é considerado o segundo maior bioma da América do Sul, portanto a sua área contínua incide sobre 1% dos territórios da Bolívia e do Paraguai, e 24% do Brasil incluindo o Distrito Federal e mais os “estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Piauí, Rondônia, Paraná, São Paulo e Distrito Federal, além dos enclaves no Amapá, Roraima e Amazonas” (RODRIGUES, 2019, 17).

O bioma brasileiro é conhecido mundialmente. Rodrigues (2019) chama atenção para o fato de que as raízes profundas da vegetação possibilitam a captação de água em torno de zonas mais densas, como também a forte resistência em períodos de seca e queimadas frequentes, o que ocasiona folhas mais grossas e consistentes. A biodiversidade do nosso cerrado é imensurável, seu potencial por meio de suas formas florestais e campestres possui características marcantes. Suas paisagens são reconhecidas pela sua peculiaridade, o que as torna um bioma único.

Conforme Rodrigues (2019) nos mostra ao longo de sua pesquisa, nem todos compreendem a dimensão da diversidade do Cerrado, ou seja, não possuem uma percepção que veja tal espaço como um lugar para além da vegetação tortuosa e rústica. Dessa forma, gostaríamos de mostrar, tal como mencionamos no tópico passado, que o acesso a livros informativos, por exemplo, pode auxiliar na formação de uma outra imagem sobre o bioma Cerrado. Isso é possível de ser observado em uma publicação de 2014, realizada pela Companhia das Letrinhas. Trata-se do livro *Brasil 100 palavras*, de Gilles Eduar. Embora o livro não trate exclusivamente do Cerrado, mas dos biomas nacionais, ele traz justamente um apontamento importante na definição de Cerrado para os pequenos leitores/as.

contribui como fator de contextualização e apropriação de conhecimento. Assim, não aprofundaremos reflexões sobre o tema neste texto.

Motta (2021), em relação a educação ambiental (EA) por parte dos docentes, enfatiza que a escola necessita promover uma educação *sobre* o Cerrado, não *para* o Cerrado, ou seja, é necessário despertar a consciência crítica sobre a preservação, portanto a temática do Cerrado não deve apresentada de forma extrínseca no contexto escolar. Alunos/as necessitam transformar-se mentalmente em relação ao meio ambiente. Desta maneira, é indispensável que os conceitos sobre o bioma Cerrado sejam compreendidos para além de uma visão interligada à natureza, sem considerar o “homem como parte do meio ambiente enquanto ser social”, conforme nos ensina Motta (2021, p.55).

Em outras palavras, tanto alunos/as quanto docentes entendem a temática do Cerrado sem correlacionar com uma abordagem em dimensões sociais, ambientais, política e econômicas, tendo em vista que os/as professores/as tinham construído uma visão de Cerrado que remete, quase que exclusivamente à vegetação (MOTTA, 2021). Dessa forma, é possível compreender a relevância de um trabalho sólido e sustentado teoricamente que leve as práticas de leitura a trazerem para sua perspectiva de formação leitora uma temática tão importante para a nossa região.

1.2 Elementos informativos: uma proposta de trabalho

A intenção deste tópico é apresentar como os livros informativos contribuem como forma de contar o mundo, divulgação de conhecimento e o uso das imagens é um recurso importante para esses fins. Em outros termos, o divulgador deve buscar artifícios visuais que possibilitem ao leitor leigo compreender as informações apresentadas em um livro específico, logo a imagem torna-se uma expressão global.

Posto isso, o livro também necessita convidar a leitura através de sua estética. A especialista em literatura infantil e estudiosa do gênero livro informativo, Ana Garralón (2015) reforça que “o mundo é contado” pelo texto e as imagens nos livros informativos “representam o saber”, além disso, Campos (2016, p.88) reafirma que esta articulação entre ambos passa pelo espaço “bidimensional entre as páginas dupla e pelo espaço tridimensional do objeto.”

Portanto, é importante compreender que texto e imagens possuem funções distintas, mas com o objetivo comum de construir conhecimento. Para isso, o divulgador, conforme

Garralón (2015, p.145), deve ser apto para “simplificar, sintetizar e exemplificar” o conhecimento de uma linguagem técnica seja ela científica ou não.

A autora ainda apresenta que é preciso transpor o conteúdo que se encontra em um nível linguístico elevado, técnico, culto e científico para um nível de compreensão popular, acessível e familiar.

Em conformidade com os apontamentos de Campos (2016), é possível perceber que um divulgador de qualidade, antes de tudo, recorre a reflexão sobre como realizar um bom trabalho para expô-lo. Garralón (2015) explicita que os livros informativos, às vezes, ignoram essa qualidade e, portanto, não tendem a estimular a imaginação de quem os lê, pois no gênero literário informativo a fantasia também pode se fazer presente e se relacionar com a formação do imaginário.

Em suma, o processo de divulgação, seja por cientistas, escritores, artistas, designer, ilustradores, editores ou todos eles reunidos em uma equipe “logram revelar, ainda um universo pouco visível, aquele percebido pelo olhar criador nas brechas dos fenômenos cotidianos” (CAMPOS, 2016, p.90).

Sobre esse ponto, trata-se de apresentar conteúdo intencional, colocando as crianças em “contato com textos que expõem e argumentam, ou seja, uma literatura que lhe oferece um pensamento novo por meio de textos expressivos” (GARRALÓN, 2015, p.40).

Isso ocorre, conforme mostraremos, no livro de Nurit Bensusan (2016), *Cerrado: Bioma torto?* da editora IEB. Além de uma capa bastante chamativa do ponto de vista visual, ela apresenta uma textura rugosa que lembra a de algumas árvores do Cerrado. Outro ponto que não pode passar despercebido é o título do livro. Observemos que traz uma pergunta. A questão feita já no título traz o leitor para dentro do debate e pode funcionar como ponto de partida para a descoberta. Observemos:

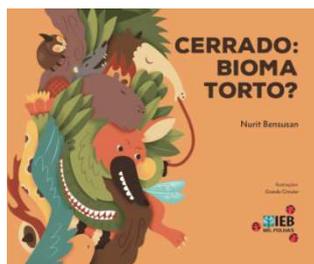


Figura 2: Capa do livro *Cerrado: bioma torto?*
Fonte: Bensusan (2016)

O livro *Cerrado: bioma torto?* Traz duas passagens que merecem destaque. A primeira porque se relaciona com o imaginário social mais amplamente difundido sobre os biomas nacionais e aqueles que gozam do status de patrimônio e o bioma não tão conhecido, o Cerrado. É curioso encontrar novamente uma questão a qual diz respeito à má sorte do bioma. O segundo ponto diz respeito, novamente, à forma como as características do Cerrado são apresentadas pela visão da diversidade. Trazemos uma delas:



Figura 3: Apresentação dos biomas
Fonte: Bensusan (2016)

Ainda especificamente em relação à importância da imagem, Campos (2016, p. 89) destaca que:

a diferença ao ler linhas escritas e ler uma imagem é que precisamos seguir o texto se quisermos captar sua mensagem, enquanto na imagem podemos apreender a mensagem primeiro e depois decompô-la. [...] a diferença, portanto, é de tempo, a concepção tem um tempo diferente do da imaginação, que é mais denso e cronologicamente mais rápido.

Assim, levando em conta que as combinações tipográficas, os textos, as ilustrações presentes e demais recursos gráficos fazem os livros informativos apresentarem informações variadas. Os textos adquirem formas e estruturas diversas, tendo em vista que os livros são organizados de maneiras diferentes, revelando a existência de algumas tipologias como por exemplo: divulgação narrativa, divulgação visual narrativa, divulgação visual documental, segundo Garralón (2015).

Ainda em relação à tipologia, Campos (2016) ressalta o fato de que no Brasil, comumente os livros informativos tendem a ser confundidos com livros didáticos e paradidáticos. A autora justifica que esses equívocos estão voltados para o fato de que esses livros apresentam múltiplos formatos e linguagens. Esses são problemas encontrados, em decorrência da falta de conhecimento do gênero livros informativos. Assim, este trabalho tenta contribuir com a popularização de um gênero tão significativo para a aproximação do público com o conteúdo científico.

meio de uma sequência didática. Contudo, esperamos ter apontado alguns caminhos que tornam possíveis trabalhos de práticas de leitura/escrita a partir de uma atitude consciente em relação à natureza social das línguas e que deve compreender que os sujeitos surdos/as têm direito a uma educação adequada e pensada a partir de suas vivências e experiências, as quais não devem jamais serem resumidas às imagens criadas a partir de uma narrativa apenas ouvinte.

Considerações finais

Após o percurso desta pesquisa e no desejo contribuir para o letramento de sujeitos surdos/as partir de uma perspectiva bilíngue através dos livros informativos, percorremos pelo caminho das referências bibliográficas de diferentes áreas, onde conseguimos refletir sobre como o ensino ainda tem sido bifurcado, ou seja, surdos/as ainda passam pelo crivo de uma educação voltada para ouvintes. Portanto, a pesquisa também teve o intuito de contribuir para o rompimento desse paradigma.

Dessa forma, retomamos o objetivo específico que nos propomos apresentar. Para este buscamos refletir as possíveis contribuições do trabalho com livros informativos sobre o Cerrado para o letramento de surdos/as a partir do bilinguismo. Este objetivo está inteiramente atrelado à indicação do livro **Tudo sobre o Cerrado**, apresentado como possibilidade de se trabalhar determinada temática que a princípio os/as alunos/as podem desconhecer, pois quando é proposto um trabalho efetivo, constatamos que é possível alunos/as surdos/as desenvolver linguisticamente, culturalmente e socialmente.

Portanto, concluímos que o letramento de alunos/as surdos/as pelo viés dos livros informativos é uma abordagem necessária, pois se trata de conduzir a educação de surdos/as a partir da valorização das experiências visuais dos livros informativos, permitindo aos surdos/as compartilhar informações e conhecimento.

Referências

BENSUSAN, Nurit. **Cerrado: Bioma Torto?** 1. ed. Brasília. Editora: Mil folhas e três joaninhas. 2016.

BOTELHO, Paula. **Linguagem e letramento na educação dos surdos:** ideologias e práticas pedagógicas. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BRASIL. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996. 28 p.

CAMPOS, Ana Paula. **Inventário. Processos de design na divulgação científica para crianças**: estudo de caso de livro informativo. 2016. Dissertação (Mestrado em Design e Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. f. 1-200.

COSTA, Juliana Pellegrinelli Barbosa. **A educação de surdos ontem e hoje**: posição do sujeito e identidade. 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

EDUAR, Gilles. **Brasil 100 palavras**. 1. ed. São Paulo. Editora: Companhia das Letrinhas. Brasil, 2014.

FERNANDES. Sueli. **Letramentos na educação bilíngue para surdos**: caminhos para a prática pedagógica. In: FERNANDES, Maria Célia Lima; MARÇALO, Maria João. MICHELETTI, Guaraciaba. (org.). **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: FFLCH, p. 1-30, 2008.

GARRALÓN, Ana. **Os livros informativos para crianças**. 1. ed. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2015.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de, LODI, Ana Cláudia Balieiro. Ensino-aprendizagem do português como segunda língua: um desafio a ser enfrentado. In: LODI, Ana Cláudia Balieiro; FEITOSA, Lacerda Cristina Broglia (org.). **Uma escola duas línguas**: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Mediação, 2014. p. 145-160.

MOTTA, Ana Carolina De Oliveira. **O bioma Cerrado no ensino médio**: percepção de alunos, professores e a abordagem do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino para Educação Básica) - Instituto Federal Goiano, Campus Urutaí, 2021. f. 1-99.

RODRIGUES, Ludmylla Ferreira De Souza. **A inserção do bioma Cerrado no conteúdo de botânica do ensino médio a partir das concepções prévias do aprendiz**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Pró Reitoria de Pós-graduação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. f. 1-129.

SOARES, Magda. **Alfabetrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. **Letramento**: Um tema de três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.